

Discurso sessão de saudade

James Amado

Eleito no dia 30 de agosto de 1989, James Amado tomou posse nesta Academia no dia 26 de abril de 1990, passando a ocupar a cadeira de nº 27, que pertencera anteriormente a Antônio Loureiro de Souza.

Para recebê-lo fora escolhido o confrade Luiz Henrique Dias Tavares, seu amigo de longas datas, que na ocasião, por estar em Londres, a realizar estudos e pesquisas, incumbira o confrade Waldir Freitas de Oliveira, de fazer a leitura do discurso de saudação ao novo imortal.


Noite de muita alegria, de aclamação e regozijo. O recém- chegado, além de muito estimado pelos acadêmicos, era reconhecidamente um nome especial que iria honrar e engrandecer a nossa confraria.

Naquele momento tão importante, eu também deveria estar ali, junto aos amigos e confrades que desejavam abraça-lo e à sua amada Luiza, sorridente em sua discreta e delicada presença, a filha Fernanda, o genro e os netos.

Em minha imaginação eu tentava recompor a cena; teria o novo imortal liberado a emoção ou, simplesmente, tentara dominar o sentimento, como fazia sempre?

E o confrade Luiz Henrique, com seu belo discurso, traçando fielmente o percurso do homenageado, assinalando as datas principais de sua biografia, louvando- lhe os méritos de grande intelectual que não se apequenara diante da poderosa sombra do irmão mais velho, que ele tanto admirava sem, contudo abdicar de seu brilho próprio, de sua singular e personalíssima biografia?

Mas alguma coisa sempre me escapava. Não conseguia lembrar certos detalhes, a figura dos oradores, os aplausos, os silêncios...



E de repente me dei conta: eu não estava presente naquela noite de alegria!


Eu não participara da cerimônia dessa noite porque naquela ocasião, atravessava um dos mais terríveis momentos de minha vida: num hospital, entre a vida e a morte, Carlos, meu marido, tentava recupera-se de uma cirurgia no coração e eu penava pelos corredores esperando ouvir uma palavra que me fizesse ter alguma esperança. Só uma situação como essa me impediria de estar aqui, nesta mesma sala, naquela noite de glória, a aplaudi-lo em momento de tanta importância.

Agora, ao cumprir o ritual nesta cerimônia de saudade, sinto como se, voltando no tempo, pudesse recuperar um instante que ficara perdido, ao prestar-lhe, mais uma vez, o tributo de minha admiração.

Em seu discurso de posse, James Amado afirma que a fraternidade entre profissionais era o eixo básico das Academias de Letras pelo reconhecimento que fazem do escritor como um verdadeiro profissional, merecedor do respeito que se costuma prestar aos membros de todas as demais categorias.

Lembrou, com reverência, a dívida que temos, nós escritores, com o grande Machado de Assis que, ao criar a Academia Brasileira de Letras, “institucionalizou a condição do escritor colocando-a entre as categorias merecedoras de respeito e acatamento”.

Assim, nesse mesmo discurso, ao tempo em que, em consonância com as regras acadêmicas, praticava o elogio dos antecessores, reafirmava sua condição de dedicado cultor da literatura, sua própria biografia, suas condições a respeito do fazer literário e suas sóbrias considerações sobre a cultura do nosso povo, seguindo-lhes as pegadas desde os primórdios: suas origens ibéricas, a rica tradição da cultura europeia, e o legado que nos trouxeram a bordo das caravelas e que erigiram em monumento da nascente civilização baiana, corporificada em Antônio Vieira e Gregório de Mattos, esteios da cultura que então se forjava enfrentando diversos percalços.




Falou também sobre o encontro com uma nova e fecundante realidade que foi a extraordinária contribuição dos povos africanos que, aqui aportando na mais miserável das condições, deram à terra que os acolhia, uma generosa participação no universo de crenças e condutas que viriam a enriquecer, ainda mais, nosso patrimônio cultural, já anteriormente temperado pela contribuição indígena que não cabe menosprezar.

O discurso de posse de James Amado, conciso e precioso, pelas concepções sobre nosso processo civilizatório e pelas sabias informações sobre o desenvolver de nossa história, pelas convicções humanistas, que o fizeram desenvolver um processo todo seu de abordar questões tão essenciais, com a leveza e a ironia, que eram marcas registradas de sua forma de tentar esconder uma profunda consciência histórica e cultural, é uma peça que merece ser lida e consultada e que ficará, sem dúvida, como um dos mais importantes e justos discursos desta Academia.

Para completar o brilho daquela noite, ouviu-se a seguir o discurso de nosso mestre Luiz Henrique Dias Tavares, renomado historiador e cronista que, por sua vez, faz o elogio e traça a biografia do novo confrade, seus méritos e sua obra literária.

Fala detidamente de seu primoroso romance, “*O chamado do mar*”, de 1949, que, segundo seu juízo, “marcaria em instante alto e novo na literatura brasileira”, merecedor de sucessivas edições, no Brasil e em Portugal e que, entre outras críticas, receberia do grande Otto Maria Carpeaux as seguintes palavras consagradoras: “O romance é uma tentativa de renovação completa de um gênero que já parecia esgotado: o romance de ambiente nordestino e tendência social”.

Não desejo estender-me sobre a biografia e as obras de nosso saudoso homenageado. Disso se encarregou magnificamente nosso historiador Luiz Henrique em seu discurso que reúne, não só uma extensa cronologia da produção do escritor, jornalista e tradutor James Amado e de sua participação na vida cultural brasileira, em tempos de dificuldades e de afirmações que por vezes se tornariam temerários, mas, igualmente,




embora respeitando os limites da descrição imposta pelo retratado, conseguindo traçar um perfil do homem James Amado, que ali nos aparece numa verdadeira e viva reprodução que só os que o conheceram tão intimamente poderiam traduzir.

Cumpramos assinalar que a participação de James Amado na vida literária e cultural brasileira começara muito cedo. Desde a juventude, nos seus dezoito, dezenove anos, já colaborava em jornais do Rio e de São Paulo, com artigos sobre literatura e artes plásticas, que foi sempre uma de suas paixões, circulando nos meios literários, cultivando conhecimentos e amizades importantes no campo das Letras, como os romancistas Dyonélio Machado, Moreira Campos, Vasconcelos Maia, Osman Lins e muitos outros.

Nessa época também iniciou sua carreira como tradutor, trabalhando para várias editoras do sul do país, que reconheciam seu talento e responsabilidade como escritor, além de seu domínio das línguas francesa, inglesa e espanhola.

Através de suas traduções ficaram conhecidos no país importantes escritores norte-americanos modernos como: William Saroyan, Erskine Caldwell, com o famoso *Estrada do Tabaco*, e outros igualmente famosos, além de ter sido o responsável pela introdução, no Brasil, do teatro de Eugène O'Neill.

Devemos assinalar também que James teve importante atuação em diversas atividades ligadas à Literatura, participando de iniciativas que alcançaram intensa repercussão nos meios políticos e culturais, como a organização do famoso **Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores**, realizado em São Paulo, em 1945, durante os anos difíceis do Estado Novo, pela libertação de Prestes e reconhecimento da liberdade partidária. Foi durante este Congresso que Jorge Amado, até então em exílio na Bahia, compareceu chefiando a delegação baiana, e conheceu Zélia Gattai iniciando uma relação para toda a vida.




James Amado participou, igualmente, da organização e realização do **2, 3 e 4 Congressos de Escritores**, realizados em Belo Horizonte, Salvador e Porto Alegre, além de muitas outras iniciativas que contaram com sua dedicação e eficiência, como a colaboração na última fase do *Paratodos*, famosa revista do poeta Álvaro Moreyra, então dirigida por Jorge Amado e Oscar Niemeyer.

Igualmente assinalável foi sua participação em vários suplementos literários como o *Suplemento do Livro*, do “Jornal do Brasil”, que foi responsável pela renovação do estilo dos suplementos literários dos grandes jornais do Rio e de São Paulo.

Porém uma das mais importantes contribuições de James para a cultura brasileira foi sem dúvida a publicação da obra poética de Gregório de Mattos, em sete volumes, trabalho iniciado em 1967, a partir dos 17 códices atribuídos ao poeta, existentes na Biblioteca Nacional, em 25 volumes manuscritos, trabalho que realizou sem qualquer auxílio ou ajuda financeira, contando apenas com os conselhos e indicações de velhos amigos e, na fase final, com a colaboração da professora e poeta Maria da Conceição Paranhos. A este conjunto deu o título geral de *Crônica do Viver Baiano Seiscentista*.

Terminado o trabalho inicial, concluídos estudos, pesquisa e planejamento, o projeto de edição da obra foi apresentado ao então secretário de Educação e Cultura do Governo Luís Vianna Filho, nosso confrade Luís Navarro de Brito que, imediatamente, compreendendo o alcance cultural da iniciativa, consultou o Governador que autorizou a compra de uma parte da edição pela Secretária, o que garantiria parte dos custos orçados pela gráfica.

Para editar os sete volumes das *Obras Completas de Gregório de Matos*, James Amado criou a editora Janaina Ltda. Responsável também pela edição da *Obra Poética de Junqueira Freire*, outro poeta considerado *maldito* da literatura brasileira, resgatando-lhe os poemas inéditos.



Mas o Brasil vivia tempos difíceis com a ditadura militar e as liberdades cerceadas, com a implantação do AI-5. A obra do poeta Gregório de Mattos foi considerada um perigo para as instituições e a edição foi recolhida das livrarias, sob a acusação de licenciosa e pornográfica. Após essas duas importantes contribuições à poesia baiana a editora Janaina, premida pelas dificuldades financeiras, fechou as portas.


Não me lembro do dia exato em que conheci James Amado. Desde o final dos anos 60, quando passou a morar na Bahia, era natural que nos encontrássemos, em casa de amigos, em eventos e reuniões, mas sei que foi ai pelos anos 80, quando eu então trabalhava na Fundação Cultural do Estado da Bahia, sob a direção de nosso confrade Geraldo Machado, que, durante a celebração dos setenta anos de Jorge Amado, nos aproximamos realmente.

Um dos eventos mais importantes no elenco de comemorações desta data foi uma grande exposição que reunia a reprodução fotográfica das capas de seus livros, já traduzidos em várias línguas, fotos, ilustrações e outros itens, que testemunhavam o alcance internacional do homenageado,

James acompanhou de perto todo o percurso de descobertas para o êxito desta exposição que, realizada por Jacyra Oswald, sob os auspícios da Fundação Cultural do Estado, após sua inauguração no foyer do Teatro Castro Alves, em Salvador, percorreu varias capitais, inclusive Brasília, encerrando-se na Bienal do Livro de São Paulo, onde ocupou lugar de destaque.

Para acompanhar esta exposição, confeccionou-se um catálogo que contou com a dedicada e segura orientação de James Amado. Desde então passei a admirá-lo: sua competência, sua segurança, sua criatividade, a maneira sutil com que tentava mascarar com um modo, às vezes brusco e impaciente, o grande potencial de ternura e sensibilidade que o tornavam inigualável.

Sua personalidade não permitia excessos, duplicidades, hesitações. Tinha suas certezas, referências e limites de quem conhecia de perto as várias



formas de realizar-se numa vida plenamente exercida em harmonia com as próprias ideias e convicções.

Um elogio de James Amado, não era apenas uma afetuosa aprovação, era o resultado de uma reflexão que nos fazia acreditar na importância de nosso trabalho. A segurança de que ele estava ali, sempre presente, no incentivo, na afirmação, na solidariedade. Sem derramamentos, sem floreios, sem desdobramentos desnecessários.


A Fundação Casa de Jorge Amado, que ele tanto ajudou, não só durante sua criação, mas na destacada participação em seu Conselho Curador, com sua presença amigável, com seus ensinamentos, com sua força, deve-lhe duas dádivas importantes: a estátua do Exu, de autoria de Tati Moreno, que na entrada da Casa defende seus caminhos, e o baianíssimo lema que a distingue “se for de paz, pode entrar”.

Aqui, nesta Academia, sua presença constante, -- confrade, companheiro, amigo--, alegrava nossas sessões, enriquecia nossas discussões, transformava as tardes de encontro em motivo de confraternização e de aprendizagem.

Para situar James Amado de uma forma mais afetiva, nesta hora de tanta saudade e emoção, socorro-me de um texto magnífico escrito por ele quando das comemorações pelos 70 anos do romance Jubiabá, num seminário realizado aqui mesmo, nesta Academia, numa parceria com a Fundação Casa de Jorge Amado.

Aliás, a respeito deste episódio, recordo que, ao convidá-lo para abrir o seminário com que marcaríamos a passagem de tão importante data, ele a princípio esquivou-se, mas vendo meu desapontamento diante da recusa voltou atrás e comprometeu-se a atender a meu pedido.

Este texto, ao tempo que tece comentários e referências a esse romance, tão significativo na obra de Jorge Amado, proporcionou-lhe a oportunidade de, fazendo um retorno no tempo, recuperar momentos perdidos de sua infância que o situam aos 7 anos, servindo de moleque de



recados para Edison Carneiro, que ele chamava de Mestre Antigo, amigo inseparável de seu irmão mais velho, na casa de seu pai, João Amado de Farias, em Ilhéus.


Através deste mesmo texto ficamos sabendo que em 1935, aos seus 12 anos, já deixara o internato da Cruz do Pascoal e estava morando com os pais na Gamboa, em Salvador, onde foram recebidos, com muita alegria, recém-chegados do Rio de Janeiro, seu irmão mais velho, Jorge, que ali viera para apresentar-lhes a netinha Lila, recém-nascida, de seu casamento com Matilde Garcia Rosa, e para lhes ofertar um exemplar de seu novo romance, Jubiabá, quarto na sequência, então publicado pela prestigiosa editora José Olímpio, com capa de Santa Rosa, acompanhado de 37 textos de críticas onde os méritos do autor eram fartamente evidenciados.

O terceiro presente, segundo ele o mais esperado, era o retrato do filho mais velho no quadro de formatura da turma de bacharéis na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, então Capital Federal.

A descrição da cena do pai emocionado e as recordações daquele momento fazem com que esta passagem se projete como um testemunho raro em que a literatura corporifica um momento especial da vida, transformando a memória de um instante vivido em quadro de primeira grandeza no painel dos acontecimentos de uma existência.

O relato desse fato e as emoções ali retratadas: o diálogo, quase uma confissão, do velho João Amado diante da prova, tão esperada, do êxito do filho mais velho, misturado às lembranças de sua própria vida, quando aos 10 anos de idade começara a labutar pelo sustento e onde, segundo suas palavras, “comeu da banda podre”, até tornar-se um homem de verdade, um verdadeiro “coronel” do cacau, na florescente civilização grapiuna.

A confissão de que os anos passados na espera que o filho mais velho cumprisse a palavra, trazendo para casa o tão ambicionado diploma, o fizeram chorar várias vezes, escondido na rede da fazenda, com medo de



que as tentações da cidade grande o fizessem desviar-se da rota pretendida, compõe uma das cenas mais tocantes de nossa literatura.

O velho pai emocionado a relatar ao filho mais jovem, quase uma criança, todos os sonhos, todas as angústias de um sentimento de ver cumprido pelo primogênito o ambicionado troféu, o sonho de uma vida que ele próprio nunca conseguiria realizar: o ambicionado título de doutor, que iria justificá-lo de todos os sacrifícios que fizera para que isso um dia acontecesse.

Nesse texto, que consideramos exemplar, James Amado, demonstra toda sua sensibilidade, todo seu carinho pela família: pelos pais, pelos irmãos, pelos netos e sobrinhos a quem sua presença nunca ficou distante.

Assim nos recordamos de James Amado e assim retomamos o fio desta história singular. Daquela noite que não vivemos realmente, mas que pela imaginação conseguimos reencontrar com todo o carinho, toda a admiração que teríamos testemunhado e, em nossa saudade, abraçamos mais uma vez o amigo, o confrade, o conselheiro, o que sempre esteve presente, o que soube cultivar afetos e afinidades.

Cioso do seu compromisso, acompanhando o calendário das reuniões e efemérides da nossa Academia, com a mesma assiduidade e o mesmo interesse que sempre demonstrara pelas atividades às quais se dedicara, em sua longa e proveitosa existência, James Amado cumpriu fielmente o espírito desta Casa, que é o da convivência e da fraternidade, sob a égide das Letras. Por isso e por muito mais, será aqui sempre lembrado como convém a um verdadeiro imortal.

Myriam Fraga
Academia de Letras da Bahia
03 de abril de 2014